

## A violência da ONU contra São Paulo

Uma preocupante notícia para os paulistanos: São Paulo é a cidade mais violenta do mundo segundo estudo da agência Habitat, ligada à ONU. Agora, uma notícia alentadora: essa triste liderança da cidade só ganhou amplo destaque na mídia porque foi anunciada por uma agência internacional e, portanto, a informação pode estar ou desatualizada ou equivocada. No caso, para sorte dos paulistanos, os dois problemas se fizeram presentes.

Baseando-se em dados de 1999, de longe o mais violento dos anos no Estado e na Grande São Paulo, a agência da ONU afirma que “a cidade de São Paulo concentra 1% dos homicídios do mundo tendo apenas 0,17% da população mundial”. Ora, usar dados de oito anos atrás com o verbo no presente é no mínimo falacioso. Desde aquele triste ano, São Paulo vem logrando seguidas reduções no número de mortos por assassinato. O desempenho da cidade – e do Estado - já poderia colocá-la no rol dos *cases* de sucesso internacional no combate aos homicídios como foi Nova York na década passada e Bogotá, mais recentemente, com quedas acima de 70%.

Uma projeção (conservadora) para 2007 mostra que a cidade pode acabar o ano com cerca de 1850 mortos por agressão, o que resultará numa taxa de 17 assassinatos para cada 100 mil habitantes. Comparada com a verificada em 1999, de 64 mortos para cada 100 mil habitantes, a queda chega a 73%. Ainda temos uma cidade violenta com uma taxa muito acima do que querem os paulistanos e da taxa em que Nova York estabilizou (7,5 em 2006), mas estamos no caminho certo dado que a intensidade da redução não vem desacelerando.

Até agora falamos dos problemas causados pela não atualização dos dados utilizados pela ONU. Falemos também da acuidade dos números. A agência fala de 11.455 assassinatos na cidade! Erro grosseiro. Atribuíram ao município (então com 10,3 milhões de habitantes) o número total de mortos da Grande São Paulo (17,6 milhões). No ano em questão, o Estado inteiro apresentou chocantes 15.719 mortos por agressão, um triste recorde. A cidade, no mesmo ano teve 6.638 mortos, ou 58% das mortes dentre os 39 municípios que compõem a Grande São Paulo.

O trabalho da Habitat é um primor no uso da tecnologia – no mau sentido. Mencionou como fonte para os dados de São Paulo “Esnal, 2006”. Esnal, ao contrário do que parece, não é uma organização, mas sim o sobrenome de Luis Esnal, correspondente do jornal argentino *La Nación*, no Brasil. Conhecemos esse jornalista e ele nos confirmou que fez matéria citando aqueles números, mas afirmou que os utilizou de forma coerente para a Grande São Paulo e para o ano 1999. Outra fonte citada no estudo da ONU é a Wikipédia (enciclopédia aberta disponível na Internet). Dada a seqüência de erros, há fortes indícios de que a pesquisa realizada foi coisa de poucas horas, ocorreu na frente de um computador com acesso à Internet, e se baseou em rápidos acessos aos sites de busca. Alunos do ensino médio costumam receber nota zero e uma bela bronca quando seus professores descobrem procedimentos como esse.

O release de imprensa distribuído pela ONU sobre “seu trabalho” resultou em chamadas de destaque na última segunda-feira (1º de outubro) em jornais e sites de notícias do Brasil e do mundo. Pelo jeito, checagens e maiores apreciações foram deixadas de lado por quem fez uso do material. O fato de o trabalho ter sido apresentado no exterior pode ter ajudado na geração de maior interesse por aqui.

Erros como esse da ONU não param aí. Eles agravam de forma nefasta a manutenção ou a ampliação do sentimento de medo e insegurança dos cidadãos. O resto fica por conta da natural

sensibilidade das pessoas pelos noticiários que trazem casos de grandes chacinas, assassinatos em cruzamentos, assaltos à mão armada contra pessoas famosas nas ruas dos Jardins, Morumbi ou Moema. Um amigo, francês, residente na cidade, recebeu um telefonema de sua mãe que mora em Paris, preocupada. Ela, após ouvir no rádio notícias com os dados da ONU, alertava para o fato de São Paulo “não ser mais a cidade tranqüila como foi no passado”! Outros possíveis males trazidos pela pesquisa e sua repercussão por aqui inclui a ampliação do sentimento de impunidade dos criminosos. Deve haver uma relação inversa entre o sentimento de segurança dos cidadãos de bem e o sentimento de impunidade dos criminosos. Parte da ousadia dos criminosos se dá pela certeza que tem no sentimento de insegurança das vítimas e na incapacidade operacional da Polícia. Eles se alimentam disto. Uma vez que fica claro, para criminosos e para a sociedade, que o Estado tem conseguido reduzir os crimes e colocar mais bandidos atrás das grades, serão eles, os criminosos, que passarão a ter que avaliar melhor a decisão de cometer um crime. Há razões numéricas suficientes para compreendermos que a impunidade tem reduzido e a que as forças policiais têm mostrado sua razão de ser em favor dos cidadãos do bem.

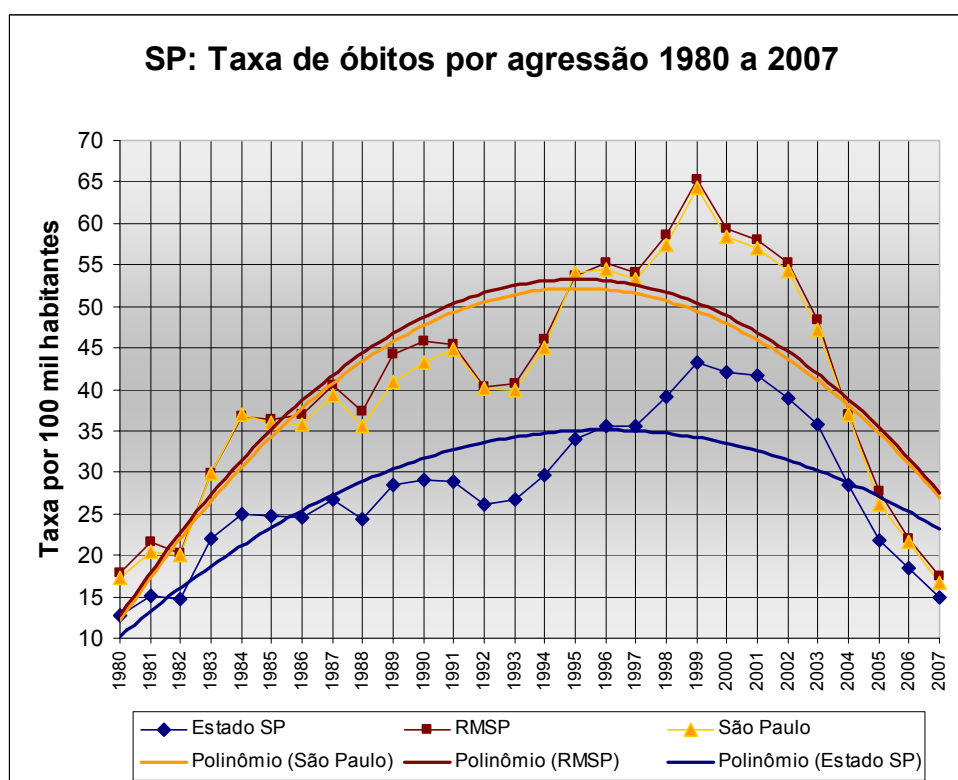
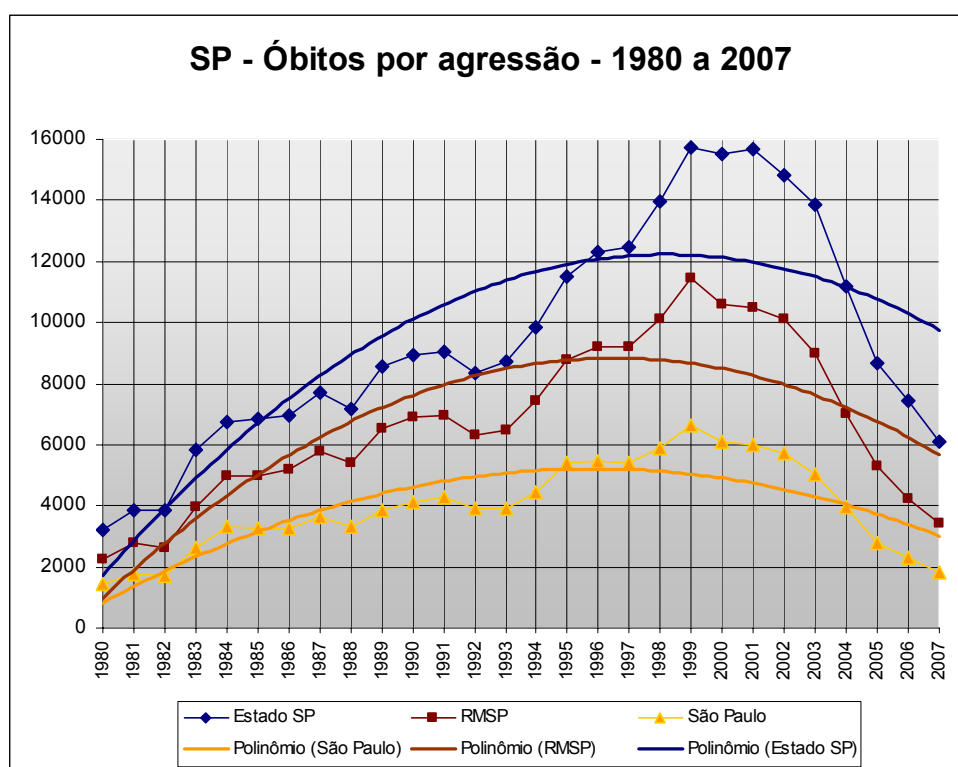
Assim, mesmo com os equívocos da ONU, o cenário atual não permite relaxamento algum. A polícia deve continuar a investigar e prender quem comete crimes. O efetivo das polícias deve ser distribuído conforme a vulnerabilidade criminal dos municípios e bairros. Cabe aos cidadãos, sem detrimento dos cuidados que aprenderam a tomar, avaliar mais positivamente sua polícia além de contribuir com informações valiosas para as investigações, como já vem fazendo para a solução de crimes e apreensão dos algozes. Reconhecer o sucesso também é medida em favor da melhoria da segurança pública.

Nem se pode atribuir a alguma briga partidária o destaque que o “estudo” da ONU ganhou também no meio político. O então candidato Geraldo Alckmin sempre evitava falar do tema segurança pública na campanha, possivelmente com receio de ver seu nome vinculado aos ataques do PCC e aos processos de abuso de autoridade contra o então secretário de Segurança Saulo de Castro Abreu Filho. A vergonha de Alckmin era tanta que evitou usar gente da Segurança Pública de São Paulo na formulação das propostas de campanha eleitoral. “Importou” de Minas Gerais um consultor da Segurança Pública de lá que numa entrevista ao *Valor Econômico* disse que a política de prender de São Paulo era equivocada, sugerindo que Minas estava fazendo o certo. O curioso foi constatar que a criminalidade naquele Estado, onde esse especialista oferece seus préstimos, não vem mostrando resultado enquanto São Paulo vem sendo o único a apresentar quedas consistentes nos assassinatos.

Mesmo sabendo dos inúmeros casos de desrespeito aos direitos humanos e da participação de policiais em crimes, os sucessos de São Paulo na segurança pública num país tão carente de boas notícias do setor público, merecem mais atenção. O cidadão deve esse reconhecimento a quem tem contribuído para isso. Se não o fizer, estará dando mais espaço aos bandidos e seus (poucos) representantes dentro das polícias. A agência Habitat-ONU realizou na semana de 1 a 5 de outubro de 2007 um congresso internacional na cidade de Monterrey/México. As discussões que ocorreram lá são em torno desse documento eivado de erros. Melhor faria a agência internacional se ajudasse cidades como São Paulo a pensar maneiras de comunicar melhor com seus cidadãos os avanços conseguidos. Os efeitos de uma ação assim só contribuiriam para a formação de um círculo virtuoso em favor de uma cidade melhor para se viver.

Nilson Vieira Oliveira - 3 de outubro de 2007  
Pesquisador e coordenador do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

*(Acompanha gráficos com os dados corretos de mortos por agressão em São Paulo (Estado, Região Metropolitana e Capital) e outro com as respectivas taxas por 100 mil habitantes).*



*Fontes:* Óbitos por agressão 1980-2005 (IMP/Seade) e 2006-2007 com projeção do autor; População 1980-2006 IMP/Seade e 2007, projeção do autor com base na taxa de crescimento demográfica 2000-2006 (IBGE/Seade 2007).